

R

E

L

A

T

Ó

**Luz, câmara,**

**acção:**

**A mulher como jornalista**



Ana Rita Gabriel Santos n.º38825

Mestrado em Jornalismo

2013-2014

# **Relatório de estágio:**

## **Luz, câmara, acção:**

### **A mulher como jornalista**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, realizado sob a orientação científica da Professora Carla Baptista.

Ana Rita Gabriel Santos nº38825

Mestrado em Jornalismo

2013-2014

Gostaria de dedicar este Relatório de Estágio às minhas tias e, principalmente, à minha mãe. Nunca teria alcançado os objectivos por mim impostos, sem o apoio incondicional da minha mãe, a minha melhor amiga. Espero que as suas dores de cabeça e inúmeras batalhas para eu não baixar os braços tenham compensado. Obrigada mãe e espero que te orgulhes de mim.

## **AGRADECIMENTOS**

À jornalista Paula Mesquita Lopes, da Edição do Meio-dia na SIC Notícias, que foi essencial em todo o meu processo de aprendizagem ao longo do estágio.

E à minha tia Maria José que tornou possível a realização do meu mestrado.

**“CURIOSITY IS ONE OF THE FORMS OF  
FEMININE BRAVERY.”**

**Victor Hugo**

*The Novels Complete and Unabridged of Victor Hugo: Ninety-three. Translated by J.  
Gray (1903 edition)*

**[RESUMO]**

**[ABSTRACT]**

**[RELATÓRIO DE ESTÁGIO]**

**[DISSERTATION]**

**[Ana Rita Gabriel Santos]**

**PALAVRAS-CHAVE: Carnaxide, Jornalismo, Televisão,**

**Redacção, Pivô, Mulheres, Relatório de Estágio**

**KEYWORDS: Carnaxide, Journalism, Television, Newsroom,**

**Women, Stage Report**

Este Relatório de Estágio é o complemento dos seis meses de estágio, como componente não lectiva do Mestrado em Jornalismo, necessária para a conclusão do 2º Ciclo. O estágio mencionado foi realizado na SIC Notícias em Carnaxide, tendo sido iniciado a 21 de Outubro de 2013 e terminado a 17 de Abril de 2014.

O estágio e o respectivo relatório contaram com a orientação da Professora Carla Baptista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e o Jornalista Martins Cabral, responsável pelos estagiários na SIC Notícias.

O principal objectivo deste relatório é dissertar o tema das mulheres no jornalismo. Será feito um enquadramento histórico e social da mulher como jornalista profissional, posteriormente irei revelar algumas das características do jornalismo

televisivo e consequentemente da emissora onde foi realizado o estágio. Numa fase final falarei da mulher no cargo de pivô e em como a imagem poderá ter influência.

This Stage Report is the complement of six months of internship, as a non-teaching component of the Masters in Journalism, required for the conclusion of the 2nd cycle. The Internship was at Carnaxide on the media channel SIC Notícias, which had begun October 21, 2013 and had over April 17, 2014.

The Internship and its report were guided by Professor Carla Baptista from Faculdade de Ciências Sociais e Humanas and by the Journalist Martins Cabral, responsible for the interns in SIC Notícias.

The main goal of this report it's to dissert the subject of women in journalism. It will be done an historic and social framework of women as professional journalists; afterwards I'll expose some features of the television journalism and consequently of the station where the internship was done. In a final phase, I'll write about the woman as a news anchor and how the image can have influence.

# Índice

	Páginas
Preâmbulo.....	IX
Introdução.....	XII
1.Contexto social e histórico de Portugal na década de 60 e os media....	XIV
1.1 As mulheres como jornalistas profissionais.....	XVI
2.Contexto social actual em Portugal e importância da imagem na televisão.....	XVII
2.1.Caracterização do jornalismo televisivo português.....	XXI
2.1.1 Caracterização da mulher como pivô.....	XXIII
3.Caracterização da empresa de estágio.....	XXV
Conclusão.....	XXXI
Bibliografia e Webgrafia.....	XXXIII
Anexos.....	XXXIX



## Preâmbulo

A componente não lectiva tem como objectivo o desenvolvimento das competências teóricas, estas providenciadas pelas unidades disciplinares existentes nos dois semestres iniciais do mestrado em jornalismo.

A componente não lectiva é essencialmente composta por duas fases: a fase do estágio e a fase do relatório de estágio.

Na primeira fase houve, então, a integração na redacção de um jornal, escolhido anteriormente pelo aluno. Neste caso, foi no canal de informação SIC Notícias, uma das primeiras emissoras televisivas em Portugal com programas de informação durante 24/7.

Uma vez dentro da redacção iniciei o meu estágio na secção do *on-line*, onde fiquei cerca de um mês e meio. Neste fiquei incumbida de retirar os vídeos com certas notícias das edições do canal, escrever um título e um *lead* de apresentação a esse vídeo, após este tratamento tinha de colocar o produto final no *site* on-line da SIC Notícias. Outra das funções, com o mesmo fim, era utilizar certas notícias da Lusa e encontrar imagens que correspondessem ao teor da informação. As funções eram fáceis de realizar e acabavam por ser aquelas tarefas que qualquer um poderia fazer, não havia grande ciência. As competências apreendidas durante a componente lectiva não foram muito aplicadas.

Posteriormente, passei para a agenda. Um retrocesso, se me perguntarem...Se não senti grande desafio no on-line, na agenda ainda menos senti. Um local com tarefas automatizadas e com funções semelhantes a uma secretária. No entanto, não descarto a enorme importância que tem numa redacção, já que é a base de todas as notícias e reportagens. É esta secção que recebe via correio electrónico e telefónico: os comunicados, as agendas dos ministérios, as denúncias, entre outros. Esta informação é agendada e explicada numa espécie de calendário a que toda a redacção tem acesso, mas é uma reunião diária com todos os coordenadores das editorias/secções que filtra e decide que acontecimentos vão cobrir. A realização de tarefas tinha de ser muito metódica, não havia espaço para erros...Pois bastava certa informação estar agendada num dia ou secção errada para correr o risco de não se destacar. Apesar da importância,

o mês e meio que passei lá não desenvolveu nenhuma das competências jornalísticas que gostaria de ter desenvolvido. Os longos telefonemas de pessoas com informação sem noticiabilidade ou o agendamento de mais de 300 páginas de notícias da Lusa, não me trouxeram motivação. Calculo que seja por isto e por outras razões que cada vez mais se ouça a expressão: “jornalismo de secretária”. A verdade é que contava com algo, talvez demasiado romantizado, mais empolgante e aventureiro. Mesmo assim, devo dizer que neste período trabalhei com programas de edição e gestão que nunca tinha, até aí, ouvido falar.

Na minha opinião, a nível académico deveria haver uma maior investigação e actualização do que se faz, e como, nas redacções, seja da imprensa, da rádio ou da televisão. Porque na realidade é que quando cheguei à redacção, tanto na secção do on-line como da agenda, quem me ensinou a funcionar nos programas e as minhas funções foram os estagiários que ia substituir nas respectivas. Aqui quem peca não só é a faculdade, mas também a própria emissora. Se por um lado deveria haver uma preocupação mais virada para a correcta inserção do aluno no mercado de trabalho, também deveria haver uma preocupação por parte das redacções na forma de integração dos recentes estagiários. Não será melhor aplicar correctamente os conhecimentos do que ir por “tentativa e erro”? A questão é que muitas vezes até me senti acanhada em pedir ajuda aos profissionais porque sentia que me estava a impor e a atrapalhar o ritmo de trabalho acelerado destes. Ou seja, acabava por pedir ajuda a algum colega meu mais familiarizado com o método de trabalho da secção.

Após 3 meses de estágio, admito que a vontade para me destacar desvaneceu-se. Acabei por optar por fazer o resto de tempo do estágio numa edição que tem por base o “jornalismo de secretária”: a edição do Meio-dia. Uma edição em que o trabalho a mim distribuído consistia na construção de *voz-offs* – textos ilustrados com imagens para posteriormente a pivô ler – com informação de *Telexes* e na construção de *TH's* – os *Talking Heads* são segmentos de vídeo com apenas uma pessoa em específico a falar – retirados de directos. Inicialmente, a ideia era ficar apenas por uma semana, mas pela primeira vez senti-me bem-vinda e decidi fazer o resto do tempo de estágio nessa edição. Seria uma maneira de trabalhar a parte da escrita televisiva.

A edição do Meio-dia é composta essencialmente por mulheres. O horário de trabalho é uma das mais-valias, das 8 da manhã às 15 horas. Desta forma é relativamente acessível conciliar com uma eventual vida familiar, já que o horário

facilita bastante. O trabalho, apesar de uma corrida contra o tempo para estar pronto para as edições que aquela secção abrange, é concretizável apenas com o computador. A equipa não faz trabalho de campo. No entanto, alguns dos membros da edição realizam muitas vezes outros horários e ocupavam outras secções.

A equipa é liderada por uma coordenadora, mas a hierarquia não é muito sentida e há muito espaço de manobra e confiança no trabalho de cada uma, portanto, um ambiente muito familiar. A localização central das secretárias, desta edição, privilegia o possível olhar atento sob as outras secções/edições. As conversas, as atitudes e as formas de resolver certas situações, não me passaram despercebidas. Cheguei à conclusão, que cada secção/edição tinha uma forma de trabalhar diferente das outras. Num primeiro olhar, a diferença entre homens e mulheres é inexistente, contudo, passados 3 meses de contemplos atentos estas diferenças começam a surgir.

Assim começou a segunda fase da componente não lectiva, o relatório. A ideia de falar da cultura das redacções jornalísticas fazia sentido após o que tinha observado em primeira-mão. Inicialmente, tive alguma dificuldade em diminuir a amplitude do tema de maneira a não me perder, pois só por si é bastante abrangente. Com alguma ajuda da minha orientadora, Carla Baptista, decidi especificar, justamente, as diferenças ainda existentes entre géneros, abordar o crescente número de mulheres, e o cargo de pivô para a mulher. Ou seja, a mulher como jornalista profissional ainda é uma batalha, até há quatro décadas o jornalismo era uma profissão de homens. Actualmente, cada vez mais o sexo feminino tem conquistado o seu espaço nas redacções, no entanto há certos aspectos e direitos que não são explorados tão vigorosamente pelas jornalistas. Estas vertentes e outras têm sido abordadas academicamente e cientificamente por alguns autores, mas ainda há poucos dados e provas irrefutáveis no que toca ao tema dos estereótipos de género no jornalismo. São estudos que têm aparecido mais nos últimos 10/20 anos.

Esta segunda fase da componente não lectiva, foi sem dúvida mais exigente e exaustiva que a primeira. Inúmeras horas de pesquisa na internet, inúmeras horas a recolher informação válida para suportar o assunto do meu relatório. Por vezes, senti que não iria conseguir cumprir com todas as metas que a mim tinha imposto, mas de uma coisa tenho a certeza...Escolhi o tema que mais faz sentido escolher nesta fase da minha vida, pois além de ser mulher sou jornalista.

## Introdução

O presente trabalho é o complemento ao estágio curricular realizado na emissora televisiva de informação SIC Notícias. O estágio e o relatório de estágio são constituintes da componente não-lectiva necessária para a obtenção do grau de mestre no curso de Jornalismo. O Relatório pretende dissertar um assunto escolhido e desenvolvido pelo aluno com base no seu tempo de estágio.

O assunto optado para desenvolver tem muito a ver com questões que, ainda, actualmente são debatidas: a mulher como jornalista profissional. Devo salientar que a actividade jornalística profissional é o exercício:

*“com capacidade editorial, de funções de pesquisa, recolha, selecção e tratamento de factos, notícias ou opiniões, através de texto, imagem ou som, destinados a divulgação, com fins informativos, pela imprensa, por agência noticiosa, pela rádio, pela televisão ou por outro meio electrónico de difusão”* Artigo 5.º, n.º1 do Estatuto do jornalista – Lei 1/99, de 13 de Janeiro, com as alterações introduzidas pela lei n.º64/2007, de 6 de Novembro.

A temática da mulher no jornalismo tem variadas ramificações e por isso explorei mais concretamente a distinção que esta tem na sociedade. Ou seja, como a idade, a imagem e as construções sociais em volta deste género podem influenciar o seu lugar no mercado do trabalho. O objectivo deste trabalho é demonstrar que apesar da crescente feminização dos cursos superiores de jornalismo e ciências da comunicação, e das redacções, ainda existem certos obstáculos para atingir os fins ansiados por muitas das profissionais de jornalismo. Sejam as recentes profissionais, sejam as mais experientes.

Para explicar de maneira mais detalhada estes factores, este relatório foi dividido em três capítulos. O primeiro capítulo é composto por uma contextualização social de Portugal e dos média na década de 60. Isto é, descrevo o regime em vigor na altura e os ideais defendidos, nomeadamente, a forma como a comunicação social funcionava.

O segundo capítulo é um encadeamento do anterior e relata as evoluções sociais e mediáticas desde 1974 até aos dias de hoje. Ou seja, os obstáculos iniciais da mulher até à sua completa inserção nas redacções. Este capítulo elabora também a crescente importância que é dada à imagem numa sociedade cada vez mais globalizada. Num subcapítulo especificarei esta importância na televisão e no jornalismo. Posteriormente, foco mais concretamente na questão da imagem comercial da mulher e desta como pivô.

No terceiro capítulo exponho finalmente a caracterização da empresa onde foi realizado o estágio. A origem da emissora, o organograma e a composição de género da redacção são analisados. Serão cruzadas algumas informações mencionadas anteriormente e cruzadas com alguns testemunhos de jornalistas da empresa de estágio, SIC Notícias.

Por fim, na última parte do trabalho faço um resumo de tudo o que foi explicitado no relatório. Termina com o impacto, a importância que o tema e o trabalho tiveram na minha vida profissional/académica e pessoal.

A metodologia utilizada para recolher todos os dados obtidos e realizar este trabalho teve como base a pesquisa na internet. A partir desta, encontrei livros, artigos científicos e levantamentos estatísticos. De maneira a enriquecer a informação já adquirida, utilizei uma outra metodologia: a entrevista. As questões foram direccionadas a ex-estagiários e a alguns membros integrantes da SIC Notícias, jornalistas e pessoal dos Recursos Humanos. Para este fim utilizei o correio electrónico.

# **1.Contexto social e histórico de Portugal na década de 60 e os média**

Durante quatro décadas, Portugal subsistiu de um regime ditatorial, onde a censura e a falta de liberdade de expressão faziam parte do quotidiano da população nacional. As limitações durante o Estado Novo eram claras, sendo muitos dos sectores fortemente controlados, assim como as ideologias.

A questão de qual o papel social e laboral da mulher na sociedade da altura era encarada com naturalidade, já que desde das escolas que existia uma separação de géneros. Margaret Mead, na década de 1930, refere que a diferença imposta entre um homem e a mulher é originada na educação que recebem em crianças. “Em 1949, a francesa Simone de Beauvoir reforçará a ideia de Mead, ao afirmar na sua obra que “ não se nasce mulher”, expondo a convicção de que ”ser mulher” é uma construção social.”, relata Isabel Ventura na sua obra *As primeiras mulheres repórteres*. O papel da mulher era servir a nação e com lugar apenas num espaço privado, onde ocupavam o “cargo” de mães e donas de casa. Esta ideologia forjada nas escolas contaminava a sociedade (Ventura, Isabel).

A mulher era proibida de exercer certas profissões consideradas masculinas, tinham salários mais reduzidos, entre outros. A faixa etária com mais actividade concentrava-se nos 15-19 anos, nas faixas etárias mais velhas observava-se um grande abandono do mercado de trabalho. Este mercado era centrado “em sectores tradicionais da indústria, nomeadamente têxteis, vestuário, calçado e alimentação, com fraca inovação tecnológica.” (Ferreira, Virgínia).

Numa altura, em que o país passa por um regime ditatorial acentuado, a questão feminina, não adquire grande peso face à imperatividade da necessidade de uma democracia. Muitas das mulheres tinham esperança que as discriminações e afins fossem resolvidas após a diluição do fascismo. Mas a situação começa a alterar-se, apesar de pouco, durante a primavera Marcelista, com início em 1968. A publicação das “Novas Cartas Portuguesas” da autoria daquelas que ficaram conhecidas como as “Três-Marias”: Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta, vêm a

denunciar a situação de desigualdade das mulheres em Portugal e no mundo (Ventura, Isabel).

Entre 1970 e meados de 1980 houve profundas alterações legislativas. Mas foi com a chegada da democracia que se materializaram. As mulheres eram altamente discriminadas e neste quadro de modernização democrática as questões femininas puderam ser debatidas. Na Constituição de 1976 consagrava o direito à igualdade entre mulheres e homens. A nível formal, a igualdade entre géneros foi atingida. A escolha da profissão, salários iguais, direitos especiais durante a gravidez e pós-parto, foram conseguidas. A democratização do país possibilita, assim, um compromisso internacional com a agenda da igualdade (Ferreira, Virgínia).

As diferentes fases da história nacional estão intrinsecamente ligadas às diferentes etapas da história da comunicação social portuguesa e isso reflecte-se na imprensa da altura do Estado Novo (Ventura, Isabel; Oliveira, José). A imprensa era pouco passível de desenvolver devido ao meio envolvente exterior: uma grande percentagem da população era iletrada e com baixo poder de compra. A “génese doutrinadora, em ideologia política e religiosa, marcava-a com uma característica que se manteve ao longo dos tempos: muitos títulos de jornais contra fracas tiragens, de certo modo, um ciclo vicioso para a imprensa ser indústria”, explica José Oliveira. A imprensa portuguesa era composta por jornalistas “não profissionalizados, mal pagos e mal preparados, representando, regra geral, mais a voz do dono do que a sua ou a do público”, conclui o mesmo. Em 1969 publicavam-se, em todo o país, 1353 periódicos, sendo 48 jornais diários, 212 semanários e 1093 jornais com outra periodicidade.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Observatório de Deontologia do Jornalismo Nº 1 - Abril 2010

## 1.2. As mulheres como jornalistas profissionais

A presença das mulheres nas redacções é demarcado por duas fases entre o ano de 1934, data da fundação do Sindicato Nacional dos Jornalistas (SNJ), e o ano de 1974 e, o outro período, mais curto, fundador das liberdades democráticas, iniciado no 25 de Abril. As redacções jornalísticas e a profissão até 1974 eram maioritariamente masculinas (Oliveira, José). Em 1960, existiam 10 mulheres jornalistas sindicalizadas, que como função tinham o apoio à redacção e para entrarem nos quadros dos jornais tinham de ter uma recomendação jornalística masculina. Sem essa solidariedade as mulheres não teriam conseguido provavelmente ingressar no jornalismo (Ventura, Isabel).

A partir da década de 60 começam a existir mais jornalistas mulheres, mais jovens e universitários. Foi através dos suplementos juvenis que muitas mulheres saíram beneficiadas, ao terem um acesso mais facilitado às redacções. Mas a divisão física dos espaços lembra-lhes, de uma forma não oficial, que tinham estatutos e direitos diferentes. Elas eram desencorajadas de entrar no jornalismo por este não ser apropriado a senhoras (Chambers, Deborah; Steiner, Linda e Fleming, Carol). Apesar da alegação que esta separação era para as proteger e que se devia à linguagem agressiva dos colegas, na realidade a separação entre géneros era feita também a nível de conteúdos. As mulheres eram marginalizadas para publicações femininas, onde se falava de comida, lida doméstica, entre outros. Maria Antónia Palla, Diana Andringa, Maria Teresa horta, Edite Soeiro, Alice Vieira e Leonor Pinhão, são alguns dos nomes jornalísticos que ajudaram a denunciar a desigualdade das mulheres a nível laboral, familiar ou mesmo a nível de direitos.

Os jornais eram propriedade ou do Estado, ou de grupos económico-financeiros ou de “grupos de família”. O aparecimento de novos empresários e gestores abertos à modernização (Francisco Pinto Balsemão no *Diário Popular*, Ruella Ramos no *Diário de Lisboa*, Eugénio Martins em *O Século*) acaba por contribuir para a criação de “novos pontos de vista políticos e comerciais” dentro da imprensa. As mulheres iniciam-se assim no mundo do jornalismo generalista neste contexto (Ventura, Isabel). A forma de escrever delas destacava-se da dos colegas. Apesar de algumas alterações, elas continuavam a ser pressionadas para escrever sempre sobre o lado do “interesse humano”, mesmo quando o tema era social ou político. O objectivo era provocar uma resposta emocional no leitor. As jornalistas que se recusavam a escrever sobre certos



tópicos e a ser mais femininas eram consideradas depravadas, todavia já se acarretavam as limitações eram profissionalmente marginalizadas. Este tratamento criava barreiras ao sucesso da mulher no jornalismo ou em outra profissão masculinizada (Chambers, Deborah; Steiner, Linda e Fleming, Carol).

Apesar dos obstáculos existe um crescimento no ingresso das mulheres na profissão. A escritora Isabel Ventura justifica este acontecimento com uma citação de Fernando Correia e Carla baptista: “a entrada das mulheres na profissão foi tão-somente mais um dos factores incluídos num conjunto de alterações no jornalismo, não tendo sido consequência de qualquer reivindicação em particular, de um qualquer movimento civil que exigisse igualdade de direitos, por exemplo. Ou seja, teria sido uma consequência das mutações sociais que se verificam nestas décadas e que não terminam com o 25 de Abril de 1974.”

A partir de 1974 até 1986 existe claramente 6 fases de evolução marcantes na comunicação social nacional: o fim da censura, nacionalização de empresas na indústria portuguesa, alterações legislativas no quadro jurídico-geral da comunicação social, crise sócio económica sentida na imprensa, eliminação das rádios livres e, finalmente, a desestatização e reprivatização dos media, como a SIC (Oliveira, José). “A compreensão do fenómeno dos *media* envolve o conhecimento de outras dimensões, como económica, a política, a cultural”, confere José Rebelo.

## **2. Contexto social actual em Portugal e importância da imagem na televisão**

Portugal entra na CEE em 1985 e adquire “uma estabilidade própria do modelo europeu de regimes democráticos.” (REBELO, José). O sistema financeiro é reprivatizado o que transforma os mercados. A tecnologia evolui e é utilizada principalmente na informação e comunicação.

A crescente procura dos jovens por uma educação melhor, multiplicou as universidades, cursos como direito e ciências da comunicação tinham maior visibilidade. A procura não acompanhou a oferta e inicia-se assim uma recessão dos empregos.

Na televisão devido à velocidade das mudanças, as operadoras privadas tiveram que contratar principalmente jovens a título precário para constituírem as redacções. No entanto, a porta foi fechando e as hipóteses de contratação começaram a ser baixas (REBELO, José).

Apesar da Comissão Europeia ter criado iniciativas e políticas de igualdade de oportunidades, em oposição a outros países, em Portugal não foram colocados incentivos nem metas para as empresas cumprirem estas iniciativas. Contudo existe um aumento da taxa de participação de mulheres no mercado de trabalho, uma das mais elevadas. Em 2005, a taxa encontrava-se nos 68.1%. Mas esta igualdade, instaurada pela democracia, é condicionada pois ainda existe uma resistência em certas ideologias. A disparidade advém dos factores históricos e políticos que construíram a modernidade. Esta assimetria manifesta-se no trabalho, família e estado (FERREIRA, Virgínia).

Os estereótipos em geral são já algo naturalizado pela sociedade, logo não são questionados. É com base neles que avaliamos certas situações, como por exemplo se uma pessoa tem aspecto perigoso e devemos mudar o trajecto. No uso do humor, por exemplo, muitas vezes são os estereótipos que compõem as piadas. São indícios como estes que continuam a alimentar a desigualdade. Apesar de haver espaço em certa medida para certos estereótipos, usá-los “para reforçar relações de poder desiguais é prejudicial para a participação democrática e valores democráticos” (PINTO-COELHO, Zara e MOTA-RIBEIRO, Silvana).

No entanto, é função jornalística informar correctamente e demonstrar a realidade das situações. Não ter preconceitos e não julgar fazem parte destas. O jornalismo de qualidade sabe teoricamente que os estereótipos são enganadores e que tudo tem de ser analisado meteticulosamente (HERMES, Jokes).

Os média actualmente são, então, considerados o quarto poder por moldarem e construírem a realidade cultural de cada sociedade. Eles produzem e difundem imagens que compõem a realidade, a simbologia e a imagem dos diferentes grupos sociais (PINTO-COELHO, Zara e MOTA-RIBEIRO, Silvana). O jornalista de hoje vem das universidades em oposição ao jornalista mais primordial que era “de tarimba,

autodidacta e “com jeito para a escrita”, com “boa voz” ou “boa imagem””. Exige-se cada vez mais do jornalismo e a formação académica é uma forma de garantir o rigor e outras características (REBELO, José).

Os *media* têm cada vez mais um papel social legítimo e institucionalizado, devido a competências reconhecidas para construir “a realidade social enquanto realidade pública e colectivamente relevante.” Existe uma confiança entre audiência e jornalista. Só recentemente é que o papel do jornalista foi determinado, já que durante o período de ditadura o jornalismo era limitado pelo estado. Era pois, uma profissão de segunda sem prestígio social.

Actualmente ainda é uma profissão que nem todos se encontram satisfeitos, existe alguma precariedade, muitas horas de trabalho, mal remuneradas. O que acaba por justificar o facto de muitos optarem por terem outros empregos, de maneira a melhorar as condições de vida. Preferem optar por isto em vez da troca de profissão pois há a consideração pelo “seu grau de habilitações e de experiência profissional e a escassa mobilidade de emprego existente em Portugal” (GARCIA, Luís e CASTRO, José).

Desde 2008 que as empresas do estado devem figurar a igualdade entre homens e mulheres e eliminar discriminações permitindo a conciliação com a vida pessoal (FERREIRA, Virgínia), um hábito contrariado desde a Grécia antiga, quando a mulher era vista de uma forma social diferente da dos homens (PINTO-COELHO, Zara e MOTA-RIBEIRO, Silvana). Modernamente, apesar da proporção de mulheres no ensino superior ter aumentado, verificam-se algumas escolhas com base nos géneros: as taxas de feminização atingem máximos na Educação (86,3%), Saúde e Protecção Social (79,8%), Artes e Humanidades (66,5%) e nas Engenharias (33,4%) (FERREIRA, Virgínia).

Outro dos indícios de desigualdade nos dias de hoje é corroborado pelo cenário da existência de mulheres directoras de órgãos de comunicação social apenas ainda nas revistas dirigidas ao público feminino. Existe de facto uma maior predominância de mulheres na área jornalística, por exemplo, nos cursos de jornalismo das Universidades Nova, Católica e Autónoma, as mulheres totalizam 69,3% dos alunos. Estes dados confirmam o porquê do crescimento no sector (SUBTIL, Filipa).

Encontramo-nos num sistema económico e político neoliberalista, uma característica da pós-modernidade (PINTO-COELHO, Zara e MOTA-RIBEIRO,

Silvana). Os media unificaram e criaram uma produção global (OLIVEIRA, José). Este fenómeno onde as distancias e o tempo deixa de existir, é causada pela “desregulamentação dos mercados e pela desobstrução do comércio internacional e entrada de capitais” (PINTO-COELHO, Zara e MOTA-RIBEIRO, Silvana).

A sociedade esta constantemente interconectada, existe uma competitividade entre mercados e uma luta para manter identidades. A propaganda faz parte do apelo ao consumismo e, em detrimento do ser humano, as pessoas passam a ser protagonistas destas estratégias de marketing. Passam a ser objectos de consumo e com uma imagem vulgarizada, especialmente a mulher. O corpo feminino torna-se um produto do consumo descartável numa sociedade capitalista (PINTO-COELHO, Zara e MOTA-RIBEIRO, Silvana).

Sendo os media produtores da opinião pública e dando eles cada vez mais importância à imagem pessoal, seria natural, eventualmente, alterar-se a percepção da imagem corporal nos modelos estéticos populares. Nas últimas quatro décadas verificou-se um crescimento no culto do corpo, uma transformação dos padrões estéticos. Esta ideologia do físico perfeito criada pela sociedade ocidental é acentuada pelo aumento da oferta de produtos e serviços neste mercado económico.

A televisão por ser um meio de excelência, por integrar imagem, som e movimento, demonstra um mundo utópico criado pela publicidade para captar o consumidor (PINTO-COELHO, Zara e MOTA-RIBEIRO, Silvana). É claro que na televisão, seja nos programas de informação ou de entretenimento infantil ou outros, a juventude e beleza são celebrados (HERMES, Jokes). “O posicionamento das mulheres nas relações sociais constitui, pois, uma faca de dois gumes que as coloca em constante conflito: se, por um lado, “ (...) o desvio das normas comportamentais definidas pelo estereótipo feminino é particularmente negativo para a mulher, traduzindo-se simultaneamente numa perda de estatuto e na assimilação dos traços negativos da dominância masculina (...)”, por outro, só a assimilação dos traços masculinos detentores de forte legitimação social, permite o desempenho de um comportamento de autonomia profissional”, expõe Filipa Subtil.

A beleza apesar de ser importante para ambos os géneros, para a mulher é uma condição que valoriza a sua feminilidade (PINTO-COELHO, Zara e MOTA-RIBEIRO, Silvana).

## **2.1.Caracterização do jornalismo televisivo português**

As primeiras emissões televisivas nacionais foram em 1956. A televisão tem um papel muito importante na sociedade pois além de ter imagem, é “consumível” em casa. O primeiro noticiário a ser transmitido foi em 1959. A evolução televisiva desde os anos 50 até actualmente esta ligada à evolução tecnológica e aspectos socioculturais, sendo que estas evoluções dividem-se em 5 eras: a era técnica, a era dos realizadores, a era do jornalista, a era do marketing e a era do virtual (RODRIGUES, Rui; VELOSO, Ana e MEALHA, Óscar).

Antes de 1974 a RTP era controlada de forma política e cultural pelo estado da altura.

Quando Portugal adere à CEE a constituição nacional não permite a criação de canais privados. Só em 1989 quando a legislação é alterada é que veio a permitir a consequente criação de canais privados. Portugal tem das maiores taxas de consumo de televisão em comparação com os outros países da CEE (OLIVEIRA, José).

Portugal como membro integrante de uma Europa adquire algumas das suas características mais globais no que toca à cultura de empresa e técnicas de produção (60 minutos), no entanto existe uma batalha para manter a sua idiossincrasia como país (OLIVEIRA, José).

Após o regime salazarista surgiu a era dos jornalistas, onde o profissional passou a ser protagonista. O jornalista passava a mensagem pela primeira vez sem censura à população. É nesta altura que com o aparecimento da cor existe alterações cénicas, continuando, no entanto, o pivô o protagonista.

Com o surgimento de uma estação privada em 1992, a SIC, começou a Era do marketing, já que esta emissora traz cores mais aguerridas e um formato de apresentar notícias mais chamativo. A concorrência aumenta ainda mais com o aparecimento da TVI no ano a seguir. Iniciava-se assim uma corrida para modernizar os métodos e a imagem e assim cativar a audiência (RODRIGUES, Rui; VELOSO, Ana e MEALHA, Óscar).

Os noticiários iniciais tinham cores sóbrias. Após 1993, inicia-se uma era de competição e mudança nas cenografias televisivas de maneira a captar mais audiência.

Chega-se à era do Marketing. A SIC trouxe alguns métodos de apresentação mais internacionais à televisão nacional. Esta estação inspirou-se nos cenários televisivos internacionais como da Sky News e da NSBC. São também introduzidos os *fait-divers*, o alinhamento e o noticiário do Telejornal aumentam a duração para cerca de hora e meia. É aqui que a sobriedade inicialmente verificada se dissipa, os jornais passam a preocupar-se mais com o factor entretenimento para chamar audiência. “Esta apresentação das evoluções das três televisões torna ainda mais clara a luta pelas audiências e a resposta “taco a taco” às alterações verificadas em cada uma. Na *Era do Virtual*, que prolonga a *Era do Marketing*, “estas transformações traduzem a procura de inovação técnica para conseguir uma maior atractividade junto do telespectador”, conclui Maria do Rosário Saraiva. Actualmente os noticiários dos 3 canais nacionais, encontram-se em outras plataformas, como a internet, isto em nome da actualidade e do público-alvo (RODRIGUES, Rui; VELOSO, Ana e MEALHA, Óscar).

É na televisão onde há mais jornalistas profissionais a partir dos 35 anos. Ou seja, são mais velhos ou só mais tarde obtêm o título, isto talvez se deva ao elevado grau de estágios académicos existentes na televisão. Existe, sim, uma taxa de feminização mais elevada entre as faixas etárias mais baixas. Até ao grupo dos 30-34 anos, as mulheres são maioritárias. A partir daí, a taxa de feminização começa a descer para atingir valores mínimos entre os 60 e os 69 anos de idade...A questão da feminização neste meio começou mais tarde, logo verifica-se em 2006 mais mulheres na idade entre os 25 e 29. No entanto, na faixa etária dos 65 não se verifica uma única jornalista na televisão registada na Comissão de Carteira.

As mulheres nos meios de comunicação são mais jovens em comparação com os homens (REBELO, José).

O que acaba por suportar o tipo de jornalismo existente que se apoia nas novas tecnologias e preocupa-se com a estética pois é uma das formas de apostar na qualidade, de acordo com Becker (2008).

Mas com estas inovações todas o pivô, como elemento principal da televisão informativa, teve que redefinir a sua posição, o que o diferencia muito do desempenho dos apresentadores dos anos 50 (SARAIVA, Maria).

### 2.1.1.Caracterização da mulher como pivô

A profissão jornalística para as mulheres continua a ser um paradoxo, são escritoras profissionais e apresentadoras de noticiários, no entanto ainda são distinguidas dos colegas, estes distinguidos pelo talento em vez da aparência (Chambers, Deborah; Steiner, Linda e Fleming, Carol).

Apesar de se considerar o género irrelevante, as jornalistas continuam a ter o seu trabalho definido pela sua feminilidade. Na televisão a imagem e a “sexualização” da mulher jornalista é bastante evidente. As apresentadoras de noticiários são alvos de críticas devido à imagem: roupa, cabelo e voz. As vidas pessoais e os corpos destas profissionais são constantemente assunto de debate. Como já mencionado, apesar do elevado número de mulheres no jornalismo nas duas últimas décadas, estas ainda não conseguiram ser levadas tão a “sério” como os seus colegas.

Existem alguns exemplos de jornalistas que tiveram situações constrangedoras e que elas próprias, involuntariamente, fizeram parte do espectáculo noticiário.

Em 2002, a pivô da altura da CNN, Paula Zahn, foi escolhida como protagonista pela a empresa de marketing da CNN para uma campanha de promoção ao canal e noticiário. Sem conhecimento da própria ou da direcção do canal. O anúncio demonstra 15 segundos de imagens<sup>2</sup> de Paula Zahn e palavras como *sexy* e provocadora a aparecerem no ecrã. A jornalista, altamente conceituada e reconhecida pelo seu profissionalismo, tornou claro que o anúncio era uma ofensa. Este foi imediatamente retirado por ordem do presidente da Turner Broadcasting, James Kellner, a empresa que detém a CNN (Chambers, Deborah; Steiner, Linda e Fleming, Carol).

Outro conhecido exemplo é o de Marguerite Higgins, uma jornalista com o Pulitzer, que quando descrita por biógrafos a beleza e a sua sensualidade eram sempre mencionadas. Muitas vezes foi comparada com



---

<sup>2</sup> Link do vídeo- <https://www.youtube.com/watch?v=mFv1IVutReo>

Marilyn Monroe, “bonita, talentosa, sexy e muito insegura” (Chambers, Deborah; Steiner, Linda e Fleming, Carol).



Um outro exemplo é o de Greta Van Susteren, uma pivô que se submeteu a um a cirurgia para se melhorar a aparência. Esta jornalista, bastante conceituada no sector, passou a ser mais uma vítima cultural ao ceder à ideologia estereotipada que ser inteligente não basta, mas ser bonita ajuda. Robin Gerber conclui que Greta Van Susteren só vem a recordar a desigualdade das mulheres ( (HERMES, Jokes).

Quando Ângela Merkel subiu ao poder na Alemanha em 2005, os tablóides alemães tinham na primeira página “É uma menina” e “Miss Alemanha”. Este panorama pode ser visto de forma negativa ou positiva, no sentido de ser digno de se destacar que uma mulher chegou ao cargo de líder ou de por um lado ser surpreendente que uma mulher tenha esse tipo de posto.



Existem em vários países prémios destinados a mulheres que se destacaram e ajudaram de certa forma na luta contra a desigualdade de géneros, seja por se destacarem na área onde estão, seja por activamente participarem para a visibilidade da mulher. Um dos exemplos é na suíça a Femdat que é uma base de dados de mulheres



cientistas e especialistas de várias profissões. Outro ainda aqui na Europa, é o Screening Gender, “um conjunto de ferramentas de formação audiovisuais produzido em 2000 por seis serviços públicos de radiodifusão europeus: NOS (Holanda), NRK (Noruega), SVT (Suécia), YLE (Finlândia), ZDF (Alemanha) e DR (Dinamarca).” Este informa a população em geral e ajuda-a a compreender sobre as questões de género na televisão.

### **3. Caracterização da empresa de estágio**

A SIC Noticias faz parte do canal televisivo privado SIC, criado em 1992. Este novo canal, emitido em 2001, foi o primeiro canal por cabo emitir informação durante 24 horas em Portugal. Quanto à distribuição da SIC Notícias, esta está disponível em Portugal na posição 5 na ZON TV Cabo, Cabovisão, Meo, Optimus Clix e Vodafone. O canal também está disponível online. No final de 2003, a emissão da SIC Notícias ficou disponível via satélite em Angola e Moçambique. Mais tarde, a emissora passou a ser transmitida nos Estados Unidos (2006), Cabo Verde e Suíça. Em maio de 2013 começaram as transmissões na Austrália e França.<sup>3</sup>

Segundo o *site* oficial on-line da estação, a SIC noticias é o canal “temático com maior audiência no cabo e o 4º mais visto do país, o que constitui caso único tendo em conta a concorrência de canais como o AXN ou a FOX”.

Além da SIC Noticias, a SIC tem a SIC K, a SIC Mulher, a SIC Radical e, recentemente, a SIC Caras.

Direcção e conselhos de informação da SIC Noticias:

**COO - Editorial:** Luís Marques

**Director de Informação:** Alcides Vieira

**Subdirectores de Informação:**

António José Teixeira

---

<sup>3</sup> Informação retirada integralmente da Wikipédia e confirmada pelo *site* da SIC Noticias

Rodrigo Guedes de Carvalho

José Gomes Ferreira

Martim Cabral

**Director de Antena e Gestão de Programação:** Luís Proença

**Conselho de Administração:**

Presidente: Dr. Francisco José Pereira Pinto de Balsemão

Vice-Presidente: Engº Francisco Maria Supico Pinto Balsemão

Vogais: Dr. Pedro Lopo de Carvalho Norton de Matos

Dr. Alexandre de Azeredo Vaz Pinto

Dr. António Soares Pinto Barbosa

Dr<sup>a</sup> Maria Luísa Coutinho Ferreira Leite de Castro Anacoreta Correia

Dr. Miguel Luis Kolback da Veiga

Dr. José Manuel Archer Galvão Teles

Especificando mais a organização da SIC notícias, a redacção é composta  
Coordenadores e editores:

**Coordenadora geral:**

Joana Garcia

**Coordenadores de edição:**

Paulo Nogueira

Paula Mesquita Lopes.

Susana Bastos.

Hélder felizardo

**Editores (comuns aos 2 canais):**

Cultura - Graça Costa Pereira  
Economia - José Gomes Ferreira  
Internacional - Cândida Pinto  
Desporto - Elisabete Marques  
Política - Paula Santos  
Sociedade - Isabel horta

A estrutura social não é fixa e muitos vão trocando de funções e cargos.

A SIC Notícias é composta por três grandes blocos de informação diários moderados pelos jornalistas mais conhecidos da estação.

O canal disponibiliza de edições especiais, programas temáticos ou entrevistas sobre Economia, Saúde, Espectáculo, Moda ou Desporto (site SIC Notícias).

Algumas das pessoas que compõem dos programas, enumerados a seguir, não trabalham exclusivamente para o canal. Muitos dos apresentadores de programas são contratados pelas produtoras destes mesmos programas. A SIC compra o “pacote” completo.

**Pivôs/apresentadores dos programas e noticiários do Canal:**

**EDIÇÕES SIC NOTÍCIAS:**

João Moleira  
Marta Atalaya  
Miguel Ribeiro  
Carla Jorge de Carvalho  
Teresa Dimas

Rita Neves

Rosa de Oliveira Pinto

Rodrigo Pratas

Ana Lourenço

Augusto Madureira

Marisa Caetano Antunes

Inês Cândido

Patrícia Carvalho

Sara Pinto

Ricardo Carvalho

### **CARTAZ CULTURAL**

Sílvia Lima Rato

Joana Costa de Sousa

Miguel Andrade

### **O DIA SEGUINTE**

Paulo Garcia

### **PLAY OFF**

João Abreu

### **60 MINUTOS**

Martim Cabral

### **NEGÓCIOS DA SEMANA**

José Gomes Ferreira

### **QUADRATURA DO CIRCULO**

Carlos Andrade

## **EXPRESSO DA MEIA-NOITE**

Ricardo Costa e Nicolau Santos

## **A PROPÓSITO**

António José Teixeira

## **EIXO DO MAL**

Nuno Artur Silva

## **SOCIEDADE DAS NAÇÕES**

Martim Cabral e Nuno Rogeiro

## **PONTO CONTRAPONTO**

José Pacheco Pereira

## **SUCESSO.PT**

Luís Ferreira Lopes

## **OS EUROPEUS**

Miguel Ribeiro

## **IMAGENS DE MARCA**

Cristina Amaro

## **EXAME INFORMÁTICA**

Pedro Oliveira

Os jornalistas da SIC apresentam uma média de 35 anos de idade para os 42 da RTP: a SIC tem uma maioria de pessoal entre os 31 e os 40 anos e a RTP entre os 41 e os 50 anos.

Em relação às diferenças quantitativas de géneros, existem mais homens (51,9%) do que mulheres no jornalismo televisivo, mas esta relação é modificada na análise isolada das redacções, dado que na SIC as mulheres (54,7%) prevalecem sobre o número de homens (Saraiva, Maria).

Ao analisar a organização da redacção, os coordenadores e editores, em 11 jornalistas, desses 8 são mulheres.

No que toca aos apresentadores e pivôs da emissora, de 32 elementos, 13 são mulheres. Portanto, existem 19 homens. Curioso é observar que as mulheres estão em maioria nos cargos de pivôs, e que nos programas temáticos estão cultural e outro de acerca de marcas.

Apesar da clara predominância do género feminino na SIC Notícias, também se verifica o “glass ceiling” na empresa na medida em que na direcção e no conselho de cerca de 15 membros, apenas um é mulher.

Contudo, após a realização de algumas entrevistas<sup>4</sup> a membros femininos integrantes da redacção em questão, o grau de satisfação é elevado tanto com o cargo como com a profissão.

Tendo sido a imagem e a mulher no jornalismo debatidos ao longo do relatório, estes foram os temas base das questões realizadas a duas pivôs e a duas estagiárias<sup>5</sup>.

Existem pontos em comum nas ideologias entre estagiárias e pivôs. No entanto, nota-se uma visão menos utópica por parte das pivôs. Apesar da mais velha, 43 anos, já ter uma percepção diferente do jornalismo em comparação com a outra pivô de 25 anos.

Mas como disse anteriormente, é clara a satisfação, talvez devido à redacção da SIC Notícias ser maioritariamente feminina, daí existir menos estereótipos e uma cultura social mais compreensiva.

---

<sup>4</sup> As entrevistas estão apresentadas no Anexo

<sup>5</sup> Apesar de não ser uma amostra representativa, quis indicar alguns factores para fazer demonstrar um ponto de vista.

## Conclusão

O trabalho aqui apresentado pretende demonstrar a cultura social das redacções jornalísticas em Portugal, no sentido em que existe um claro crescimento nos valores quantitativos das mulheres na área. A ideia surgiu após alguma observação na empresa de estágio, um canal televisivo de informação com uma redacção bastante feminizada. O relatório começa por abordar o início da entrada mais acentuada das mulheres na indústria nos anos 60, quando o regime político ditatorial em vigor marginalizava claramente o género feminino da esfera pública. Um facto que é observado noutras zonas do globo, como nos Estados Unidos e Grã-Bretanha. Com o fim do salazarismo, o espaço de manobra da mulher nas redacções foi crescendo e existiram várias alterações nos meios de comunicação social da altura até os dias de hoje. Inicialmente a imprensa era o meio de eleição, mas a televisão sendo um meio audiovisual que alia som, imagem e a comodidade da casa, rapidamente começou a ter um papel de peso na sociedade após o 25 de Abril. A chegada da cor aumentou evidentemente esta importância. O jornalismo televisivo passou a ser feito de uma maneira mais atractiva de forma a incitar o consumo deste e os noticiários tinham como protagonista os próprios jornalistas. A boa imagem começa a ter uma função decisiva na realização dos noticiários.

Apesar da evolução nos meios, as desigualdades entre géneros continuam, embora de outras maneiras. As mulheres começam a optar cada vez mais pelo ensino superior e a ganhar terreno nas redacções, porém os cargos mais altos estão frequentemente fora de alcance devido à ideia da mulher ser demasiado sensível para esse tipo de posto. Outro factor é a crescente importância da imagem em oposição ao talento. A feminilidade das jornalistas é caracterizada pela juventude ou beleza, principalmente as que se encontram em posições de pivô. Na actualidade, os padrões estéticos exigidos no mundo televisivo em nome do consumismo são determinantes e forjam a mentalidade da sociedade. O jornalismo como produtor de opinião pública teria, se quisesse, o poder de configurar os padrões estéticos e estereótipos encontrados regularmente na população. Ao serem os primeiros a reconfigurarem as ideologias de, por exemplo, género, os membros integrantes desta “aldeia global” poderiam alterar alguns aspectos ainda muito característicos e discriminatórios.

É claro que já se verifica algumas mutações no âmbito das igualdades de direitos, mas têm ocorrido lentamente. É imperativo, recordar que não se trata de todos gostarmos de “laranja” mas sim de se aceitar as diferenças e necessidades de cada um.

O jornalismo já percorreu um longo caminho, mas algures perdeu a sua essência e transformou-se numa indústria de massas e um mediador de objectivos consumistas. Há que recuperar o jornalismo de qualidade, imparcial e retrato da realidade nua e crua, um jornalismo que revele que há coisas mais profundas que a imagem, que há mulheres mais fortes que os homens. Há que receber com vontade esta nova geração e formá-la, pois são eles que vão continuar a tradição de produzirem opiniões e serem o espelho da sociedade.

Apesar de ter arrecadado informação suficiente para elaborar este relatório, reconheço que inicialmente os objectivos que a mim tinha proposto não foram atingidos, vendo-me obrigada a optar pelo plano B. Primariamente, tinha planeado ter um certo tipo de informações relacionados com a empresa de estágio que seriam a “cereja em cima do bolo”. Após o contacto com as pessoas que me interessavam, recebi algumas respostas e informações mas não de todas as pessoas que desejava. Com uma delas tive um feedback positivo inicialmente, mas depois “fez-se silêncio” e nunca mais respondeu. As restantes pessoas simplesmente escolheram não dizer nada. Todos estes factores acabaram por me fazer optar por outra linha de pensamento no que toca ao relatório. Acho um pouco irónico, esta situação ter acontecido, uma vez que ambos os lados estão numa área que o dever é informar. Sou da opinião que como uma estudante anónima não tenho muito poder de persuasão, mas se talvez tivesse uma grande empresa mediática ou um nome reconhecido nacionalmente, as informações estariam à distância de uma palavra.

Após toda a pesquisa e após a realização deste trabalho, confesso que fiquei desmotivada. Não estava à espera de um “mar cor-de-rosa”, mas não pensei que as condições fossem tão precárias e que a mulher tivesse que batalhar tanto no mundo mediático. A importância e peso que estas informações tiveram, certificam-se mais a nível pessoal, penso que terei que alterar alguns aspectos para poder vingar no sector: pôr de lado a vergonha e demonstrar a minha vontade em destacar-me, que sou capaz a nível de competências criativas e técnicas. E pelos vistos, é esperar que alguém reconheça o nosso afinho e compromisso com a profissão.



## **Webgrafia (e-books e artigos científicos) e Bibliografia:**

SUBTIL, Filipa. As mulheres jornalistas, Lisboa: Instituto Politécnico.

SILVEIRINHA, Maria João. O discurso feminista e os estudos dos media: em busca da ligação necessária. Universidade de Coimbra.

PAPADOPOULOS, Linda. Sexualisation of Young People: Review.

HERMES, Jokes. Mulheres e Jornalistas Primeiro.CIG. Lisboa, 2014.

Advancing gender equality in decision-making in media organisations-report. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2013.

SARAIVA, Maria (coord.). A cenografia de informação televisiva em Portugal. *Cetac.media*, 2011.

FERREIRA, Virgínia (org.). Igualdade de mulheres e homens no trabalho e no emprego em Portugal. CITE, 2010.

Pinto-Coelho, Z. & Mota-Ribeiro, S. (2006) ‘Analisando os discursos de género *das* e *sobre* as imagens publicitárias de mulheres: como articular a análise sociosemiótica com a análise da recepção’, in Actas do VII Congreso Internacional de Comunicación Lusófona, LUSOCOM, 21-22 April 2006, Santiago de Compostela, Spain, (no prelo).

Pinto-Coelho, Z. & Mota-Ribeiro, S. Género e Homossexualidade.  
Comunicação e Sociedade nº21, 2012.

CERQUEIRA, Carla. A imprensa e a perspectiva de género: As vozes femininas nas notícias de primeira página do Público e do Correio da Manhã. Universidade do Minho.

RODRIGUES, Rui; VELOSO, Ana; MEALHA, Óscar. A cenografia nos noticiários televisivos em Portugal – evoluções e tendências.  
*CETAC.MEDIA*. Departamento de Comunicação e Arte – Universidade de Aveiro.

VENTURA, Isabel. As primeiras mulheres repórteres. Lisboa: Tinta-da-china, 2012.

OLIVEIRA, José Manuel. A integração europeia e os meios de comunicação social. *Análise social*, VOL. ( 4.º-5.º), 995-1024.

*Análise Social*, vol. XXXIV (Inverno), 2000

REBELO, José (coord.). Ser Jornalista em Portugal – perfis sociológicos.  
Colecção: Fora de Colecção. 2011.

CABRAL, Manuel Villaverde. Portugal e a Europa: diferenças e  
semelhanças. *Análise Social*, vol. xxvii (118-119), 1992 (4.º-5.º), 943-954

ROSA, Maria João Valente. Notas sobre a população- desequilíbrios entre  
sexos. *Análise Social*, vol. XXXIV (151-152), 1999 (2.º-3.º), 699-705

Feminização do jornalismo cresce com a liberdade. Observatório de  
Deontologia do Jornalismo. Nº 1 - Abril 2010

SILVEIRINHA, Maria João. As mulheres e a afirmação histórica  
da profissão jornalística. *Comunicação e Sociedade*, vol. 21, 2012, pp. 165

– 182

ANDRINGA, Diana .Jornalismo: uma profissão em mudança. VI  
CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 2008.

GARCIA, Luís; CASTRO, José. Os jornalistas portugueses: da recomposição social aos processos de legitimação profissional. Sociologia - Problemas e práticas nº13, 1993, pp.93-114.

<https://www.youtube.com/watch?v=mFv1IVutReo> (vídeo)

[http://books.google.pt/books?id=kwSsAgAAQBAJ&pg=PA137&dq=internship+in+journalism&hl=en&sa=X&ei=7a\\_UrjhH8HH7AaKnYHYDQ&ved=0CEYQ6AEwBQ#v=onepage&q=internship%20in%20journalism&f=false](http://books.google.pt/books?id=kwSsAgAAQBAJ&pg=PA137&dq=internship+in+journalism&hl=en&sa=X&ei=7a_UrjhH8HH7AaKnYHYDQ&ved=0CEYQ6AEwBQ#v=onepage&q=internship%20in%20journalism&f=false) – Franklin, Bob e Mensing, Donica (2011). Journalism Education, Training and Employment. Taylor& Francis e-Library.

[http://books.google.pt/books?id=ETE5vVTelQkC&pg=PA210&dq=internship+in+journalism&hl=en&sa=X&ei=7a\\_UrjhH8HH7AaKnYHYDQ&ved=0CFYQ6AEwCA#v=onepage&q=internship%20in%20journalism&f=false](http://books.google.pt/books?id=ETE5vVTelQkC&pg=PA210&dq=internship+in+journalism&hl=en&sa=X&ei=7a_UrjhH8HH7AaKnYHYDQ&ved=0CFYQ6AEwCA#v=onepage&q=internship%20in%20journalism&f=false) – Weaver, David H. e Hillnat, Lars (2012). The Global Journalist in the 21<sup>st</sup> Century. Taylor& Francis e-Library.

[http://books.google.pt/books?id=MHkP6ue0mGkC&printsec=frontcover&dq=women+in+journalism&hl=en&sa=X&ei=XbD\\_UqGrKMWM7QabhoC4Dw&ved=0CCoQ6AEwAA#v=onepage&q=women%20in%20journalism&f=false](http://books.google.pt/books?id=MHkP6ue0mGkC&printsec=frontcover&dq=women+in+journalism&hl=en&sa=X&ei=XbD_UqGrKMWM7QabhoC4Dw&ved=0CCoQ6AEwAA#v=onepage&q=women%20in%20journalism&f=false) – Chambers, Deborah; Steiner, Linda e Fleming, Carol. Women and Journalism.

[http://books.google.pt/books?id=5S40eFx2brAC&printsec=frontcover&dq=women+in+journalism&hl=en&sa=X&ei=XbD\\_UqGrKMWM7QabhoC4Dw&ved=0CCoQ6AEwAA#v=onepage&q=women%20in%20journalism&f=false](http://books.google.pt/books?id=5S40eFx2brAC&printsec=frontcover&dq=women+in+journalism&hl=en&sa=X&ei=XbD_UqGrKMWM7QabhoC4Dw&ved=0CCoQ6AEwAA#v=onepage&q=women%20in%20journalism&f=false)

[ved=0CDcQ6AEwAg#v=onepage&q=women%20in%20journalism&f=false](#) -

Rush, Ramona R.; Oukrop, Carol E. e Creedon, Pamela J. (2011). Seeking equity for women in journalism and mass communication education: a 30-year update. Taylor& Francis e-Library

[http://books.google.pt/books?id=ZKIwtm79dAMC&pg=PT119&dq=female+intern+in+journalism&hl=en&sa=X&ei=4bD\\_UruKIvCp7AbpjoDAAw&ved=0CDwQ6AEwAw#v=onepage&q=female%20intern%20in%20journalism&f=false](#)

– Perlin, Ross (2012). Intern Nation: How to Earn Nothing and Learn Little in the Brave New Economy. Editora Verso.

[http://books.google.pt/books?id=g2eNAgAAQBAJ&pg=PT20&dq=female+intern+in+journalism&hl=en&sa=X&ei=4bD\\_UruKIvCp7AbpjoDAAw&ved=0CEIQ6AEwBA#v=onepage&q&f=false](#)

– Weaver, David H., vários, (2009). The American Journalist in the 21st Century: U.S News People at the Dawn of a New Millennium. Taylor& Francis e-Library.

[http://books.google.pt/books?id=GDVA8nJq0DwC&pg=PA507&dq=female+intern+in+journalism&hl=en&sa=X&ei=4bD\\_UruKIvCp7AbpjoDAAw&ved=0CF4Q6AEwCQ#v=onepage&q=female%20intern%20in%20journalism&f=false](#)

– Terzis, Georgios (2009). European Journalism Education. Intellect, Ltd.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/SIC\\_Not%C3%ADcias](http://pt.wikipedia.org/wiki/SIC_Not%C3%ADcias)

[http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext  
&pid=S1645-91992011000400005](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992011000400005)

# Anexos

## **Entrevistas:**

### **Perguntas e respostas das pivots:**

#### **Questões gerais:**

##### **nome; idade; habilitações académicas; estágios**

Inês Sophia Marques Cândido

25 anos

Licenciada em Jornalismo pela Escola Superior de Comunicação Social

Estágio na SIC, em economia – 6 meses

Estágio no Diário Económico – Economia, Política e Empresas – 3 meses

Trabalho no Semanário Académico de Lisboa – 2 anos

#### **Questões específicas:**

*Durante quanto tempo estagiou ou esteve em contrato livre até ficar como efectiva?*

6 meses

*Que outros cargos desempenhou até ser pivô?*

Fui e continuo a ser jornalista da Editoria de Economia. Apresento as madrugadas de 3 em 3 semanas. No resto do tempo estou em Economia

*Como se realizou a alteração para o cargo de pivô? Que requisitos ou etapas foram necessárias?*

Foi necessária uma formação de um mês, com o Rodrigo Guedes de Carvalho. Contribuiu para a minha escolha o facto de já ter coordenado, durante 3 anos, o Jornal de Economia da SIC Notícias, o que me permitiu ter outro tipo de conhecimentos necessários para este trabalho

*Desempenha em simultâneo algum outro cargo?*



Jornalista de Economia e coordenadora das madrugadas

Sente alguma dificuldade em conciliar a vida familiar com a profissional? Porquê?

Não é fácil conciliar a vida familiar com a profissional quando se trabalha das 23h às 8h da manhã, mas nada que não se gira.

Em comparação com outros colegas da área, nomeadamente homens, sente que a sua remuneração é justa? Porquê?

Não acho que haja diferença de remunerações na Impresa pelo sexo dos trabalhadores.

Sente, ou sentiu em alguma etapa da sua carreira, diferenças no tratamento por ser mulher? (Estereótipos de género)

Não.

Já tentou concorrer para um cargo de chefia? Se sim, o que aconteceu? Se não, porquê?

O cargo que ocupo – coordenação das madrugadas – é um cargo de chefia (intermédia). Estou na SIC há 5 anos e já o ocupo. De resto, trabalho na economia, onde não espero – nem pretendo – chegar a um cargo de chefia nesta fase profissional.

Sente que a sua posição de pivô tem algum peso de influência? Porquê?

Um pivô tem sempre mais visibilidade para os telespectadores – que é para quem trabalhamos. Somos o rosto das notícias do canal e a pessoa que chega às casas de milhares de cidadãos. Só por isso é que acho que tem mais influência.

Quais são as competências específicas associadas à função de pivô? Distinções dessas competências relativamente a outro trabalho jornalístico

Não são diferentes, fazemos o mesmo que qualquer outro jornalista – mostramos às pessoas o que se passa de importante. Entrevistamos pessoas de relevo na sociedade, como faz qualquer outro jornalista.

Um pivô tem de ter capacidade para comunicar, e aguentar o trabalho em direto, o que os restantes jornalistas de televisão também fazem.

Que implicações para a sua vida pessoal e profissional têm advindo da notoriedade por exposição da imagem?

Nenhuma. Faço a mesma vida, com o resguardo pessoal que sempre tive. Há pessoas que me abordam – pessoalmente ou pelas redes sociais – mas tento que isso não passe para o campo pessoal.

O que faz realmente um pivô – como se prepara, como planeia o alinhamento, como interage com os restantes membros da equipa, preparação das entrevistas durante o telejornal, a questão do teleponto, escrita dos textos, visionamento prévio das imagens – os imprevistos, as urgências, as alterações de última hora...

Um pivô é um jornalista que tem de estar ainda melhor preparado: trabalha com todos os temas, entrevista personalidades de todas as áreas. E, apesar de termos teleponto, tudo pode falhar e estamos sem apoio e em direto.

É preciso chegar à SIC várias horas antes do primeiro jornal, ler tudo, preparar planos B, para o caso da parte técnica falhar, e ter uma noção clara do que é notícia.

E, depois, fazer o que todos os jornalistas – com o “bicho” do jornalismo – fazem: ler jornais, estar constantemente informado.

Qual a posição que o pivô ocupa na hierarquia da estação – com quem se reúne, quais os contactos privilegiados (mais as chefias, mais os outros jornalistas?)?

Não há uma posição específica – um pivô é um jornalista da redação. Reúne-se tanto com a restante redação como com as chefias, se houver necessidade.

Qual é sua opinião em relação às diferenças no papel que o pivô representa hoje e que representou há duas décadas atrás? Que evoluções acha que houve?

Não vejo diferenças substanciais. Continua a ser a cara do canal e a pessoa que mostra lá para casa o trabalho de uma redação.

Qual a sua posição em relação à crescente importância dada à imagem?

Acho que faz parte da sociedade e da época que vivemos. A imagem é muito importante a nível profissional. E, no caso de um pivô, diz quem nós somos mas também quem é o canal. E, acima de tudo, tem de ser uma imagem resguardada – o pivô de um jornal não se veste da mesma forma que um apresentador de entretenimento

Sente que ainda há muitos obstáculos no jornalismo para quem é mulher? Porquê?

Sinto que, a certo ponto, a carreira terá de ficar “congelada” para a construção de uma vida familiar – se estiver nos planos de uma jornalista ser mãe. Mas isto pelos motivos óbvios, não por discriminação.

Concorda que existe de facto uma feminização do jornalismo? Ao que acha que se deve esta transformação?

Acho que as mulheres são tendencialmente mais ligadas às letras do que os homens, o que faz com que depois procurem cursos na área da comunicação e venham parar ao jornalismo.

Qual a sua opinião em relação à entrada exponencial de estagiários nas redacções? Acha que têm oportunidades semelhantes em comparação à altura em que ingressou no jornalismo?

Eu ingressei no jornalismo em 2007 e na SIC em 2009. Não acho que haja grande diferença. Acho que os estagiários devem entrar nas redações para serem formados, não para tapar buracos pela falta de outros jornalistas, e não acho que lhes deva ser dados trabalhos com tanto peso como muitas vezes acontece. Acho que devem ser protegidos, de forma a que possam ser bem formados, porque cada vez mais aprendem nas redações e não nos cursos que frequentaram.

Qual a sua opinião na importância do papel da mulher enquanto jornalista?

. Acho que há bons e maus jornalistas. Não acho que haja um papel da mulher no jornalismo, nem que estejamos segmentados. Seguimos todos (oud devemos seguir) um código de ética e as boas práticas do jornalismo.

**Questões gerais:**

**nome; idade; habilitações académicas; estágios**

Carla Jorge de Carvalho

43 anos

Licenciatura em Comunicação Social na UNL

Estágio académico na RTP

**Questões específicas:**

*Durante quanto tempo estagiou ou esteve em contrato livre até ficar como efectiva?*

Estagiei em praticamente todos os locais onde trabalhei. Depois dos estágios fiquei efectiva no RCP, depois Rádio Nova, e no CNL, depois sic notícias

*Que outros cargos desempenhou até ser pivô?*

Fui repórter de rádio, jornalista na Visão e repórter de TV

*Como se realizou a alteração para o cargo de pivô? Que requisitos ou etapas foram necessárias?*

Depois de vários anos como repórter, cerca de 10, todos os jornalistas do CNL fizeram testes para pivots e eu fui uma das escolhidas. Mantive a função na sic notícias

*Desempenha em simultâneo algum outro cargo?*

Neste momento não. Nos anos iniciais da sic notícias era pivot ao fds e repórter durante os dias da semana

*Sente alguma dificuldade em conciliar a vida familiar com a profissional? Porquê?*

Sinto muita dificuldade em conciliar a maternidade com a vida profissional, por causa dos horários inerentes a um canal que trabalha 24 horas por dia

*Em comparação com outros colegas da área, nomeadamente homens, sente que a sua remuneração é justa? Porquê*

As remunerações dos pivots na sic e na sic notícias são muito diferenciadas, mas essa diferenciação não tem a ver com o género

Sente, ou sentiu em alguma etapa da sua carreira, diferenças no tratamento por ser mulher? (Estereótipos de género)

É provável que sim, mas não creio que tenha a ver com a profissão mas com os estereótipos que são transversais a toda a sociedade

Já tentou concorrer para um cargo de chefia? Se sim, o que aconteceu? Se não, porquê?

Nunca tentei. Não tenho essa ambição.

Sente que a sua posição de pivô tem algum peso de influência? Porquê?

Penso que a minha eventual influencia tem a ver com o meu trabalho jornalístico e provas dadas e não com a função que conjunturalmente exerço.

Quais são as competências específicas associadas à função de pivô? Distinções dessas competências relativamente a outro trabalho jornalístico

Um pivot tem de saber representar o trabalho da redação. Tem de conseguir ‘resolver’ eventuais problemas técnicos e de conteúdo que possam surgir durante a emissão. Está em direto e por isso nunca pode errar.

Que implicações para a sua vida pessoal e profissional têm advindo da notoriedade por exposição da imagem?

Além do facto de algumas pessoas pensarem que eu tenho uma influência no trabalho da redação, do canal e mesmo do país que de facto não tenho, não vejo qualquer consequência direta da minha exposição pública na minha vida privada.

Profissionalmente também não vejo qualquer facto relevante: há colegas de profissão que desvalorizam a função e há outros que a hiper-valorizam...

O que faz realmente um pivô – como se prepara, como planeia o alinhamento, como interage com os restantes membros da equipa, preparação das entrevistas durante o telejornal, a questão do teleponto, escrita dos textos, visionamento prévio das imagens – os imprevistos, as urgências, as alterações de ultima hora...

Um pivot prepara-se para o jornal que está alinhado, para as entrevistas e para todos os imponderáveis que tanto podem ser as chamadas ‘última hora’ (valor jornalístico), como problemas técnicos. A capacidade de improviso e o sangue frio são essenciais mas são duas características que se trabalham sobretudo com muito estudo das matérias e da atualidade.

Qual a posição que o pivô ocupa na hierarquia da estação – com quem se reúne, quais os contactos privilegiados (mais as chefias, mais os outros jornalistas?)?

Faz parte da redação no seu todo. Idealmente deverá estar tão próximo das chefias editoriais como dos repórteres.

Qual é sua opinião em relação às diferenças no papel que o pivô representa hoje e que representou há duas décadas atrás? Que evoluções acha que houve?

Os pivots, sobretudo dos canais generalistas, ganharam o estatuto de estrelas. Parece-me no entanto que esse ‘glamour’ se estará a diluir com a diluição do próprio jornalismo. Os pivots dos canais de cabo são apenas uma peça de uma enorme engrenagem. Banalizou-se a função. A juventude deixou de ser um handicap e passou a ser uma vantagem. Os pivots tornaram-se mais ‘embrulho’ do que a imagem da credibilidade. Estamos na sociedade fast food, não estamos?

Qual a sua posição em relação à crescente importância dada à imagem?

Parece-me que está a contribuir para a diluição do jornalismo de que falava na resposta anterior. Cada vez menos o espetador distingue a imagem do conteúdo.

Sente que ainda há muitos obstáculos no jornalismo para quem é mulher? Porquê?

As redações são maioritariamente femininas. Os obstáculos no acesso à profissão passam antes por fatores económicos, na tendência de degradação das condições de trabalho e na mão de obra barata.

Concorda que existe de facto uma feminização do jornalismo? Ao que acha que se deve esta transformação?

Há muitas mulheres no jornalismo, a maioria. Mas também nas empresas de comunicação social existe o chamado teto vidro. São poucas as que chegam a verdadeiros cargos de chefia, com poder de decisão. É um problema de toda a sociedade.

Qual a sua opinião em relação à entrada exponencial de estagiários nas redacções? Acha que têm oportunidades semelhantes em comparação à altura em que ingressou no jornalismo?

Os estagiários são neste momento mão de obra barata, fácil e acrítica. Não fazem verdadeira formação mas são fundamentais e decisivos para o funcionamento de uma redação. Nesse sentido têm um real poder que desconhecem e que por isso não utilizam. Comparando com o jornalismo há 20 e tal anos, quando eu comecei, não há qualquer semelhança: havia menos lugares de estágio, mas havia um sentido de formação que infelizmente se perdeu por completo.

Qual a sua opinião na importância do papel da mulher enquanto jornalista?

O jornalismo só tem a ganhar com profissionais esclarecidos e exigentes. Sejam mulheres ou homens.

## **Perguntas e respostas das estagiárias:**

### **Questões gerais: nome; idade; habilitações académicas; estágios**

Ana Eugénia Silva Santos Inácio

22 anos

Licenciatura em Ciências da Comunicação

Estágio de seis meses na SIC

### **Questões específicas:**

Como foi a tua experiência durante o estágio?

Gostei bastante desta experiência. Permitiu-me ter uma verdadeira percepção de uma redação, do ambiente, do dia-a-dia do jornalista, e todos os processos que a informação tem até chegar ao telespectador em forma de reportagem.

Sentiste alguma diferença de tratamento por seres "novata"?

Acho que a maioria dos profissionais nos tinham comigo tratamento normal que se tem com um estagiário. Tinha de haver uma maior supervisão nos trabalhos que fazia, no entanto com alguma liberdade e com a possibilidade de deixar o meu cunho pessoal nas reportagens que realizava. Deram-me bastantes oportunidades.

Tiveste algum problema de integração em algum ponto do/s teu/s estágio/s ?

Senti-me sempre bem recebida em qualquer uma das editorias em que passei. Senti sempre bastante disponibilidade, por parte dos profissionais, para me ajudarem e ensinarem.

Alguma vez te sentiste pouco à vontade ou alvo de estereótipo?

Talvez uma pequena minoria veja os estagiários como uma "cara bonita" e só estão ali porque têm de acabar o curso. Felizmente, é mesmo uma pequena minoria.

Em comparação com os teus colegas de estágio, homens, sentes que te deram as mesmas oportunidades?

Não considero que tenha existido alguma diferença. Relativamente às oportunidades, penso que às vezes é necessário estar "no local certo à hora certa". Quem tem essa sorte pode ter melhores oportunidades. Mas também penso que cabe a cada um procurar as suas oportunidades

Tentaste em algum ponto do teu estágio propor algo que acabou por te ser vedado?

Por vezes tinha algumas sugestões de reportagem que acabavam por não seguir em frente, por alguma razão.

O que achas da situação precária dos estagiários? O facto de não terem remuneração e trabalharem horas em excesso.

Parece-me uma situação lamentável, pois torna-se mão de obra gratuita, que em muitos casos dá o melhor de si, que acaba por fazer bons trabalhos e tem que acarretar com todas as despesas de deslocação, alojamento, alimentação, sem qualquer tipo de ajuda. Acho que o desejo de entrar no mercado de trabalho é a dura



realidade do desemprego jovem faz com que nós estudantes nos agarremos a tudo e as empresas aproveitam-se disso.

Qual a tua opinião em relação à crescente contratação de estagiários para as redacções? Existem oportunidades de ficar a longo termo?

O facto de irem contratando estagiários permite que sejam contratos precários, muitas vezes a recibos-verdes e que definem que a qualquer momento pode ser despedido, sem qualquer indemnização. Mais uma vez, a procura maior que a oferta, permite este tipo de situações. O ficar mais tempo é sempre uma incógnita.

Achas que ser mulher e estagiária é uma dupla batalha no mundo do jornalismo? Explica.

Não verifiquei essa situação. A redacção era maioritariamente constituída por mulheres e não me pareceu que houvesse algum tipo de discriminação, ou que as mulheres enfrentassem essa dupla batalha. Nos dias de hoje, parece-me que o jornalismo tem oportunidades iguais, quer para homens, quer para mulheres.

Qual é a tua opinião em relação às diferenças no papel que o pivô representa hoje e que representou há duas décadas atrás? Que evoluções achas que houve?

Não tenho uma opinião formada sobre o papel do pivô há uns anos atrás. Hoje, sei que, apesar de ser o pivô que dá a cara e tem sempre uma palavra a dizer na informação que vai para o ar e da forma como é dada, está sempre dependente do trabalho de toda uma equipa.

Qual é a tua opinião em relação à influência que um pivô detêm atualmente? Explica

O pivô não só dá a informação ao telespectador, como também depende dele a forma como essa informação é recebida em casa. Tem que ser uma pessoa que transmita verdade e imparcialidade. Tem que ser direto e chegar ao telespectador.

O que pensas em relação à crescente importância dada à imagem?

A televisão vive da imagem. E a frase "uma imagem vale mais que mil palavras" aplica-se na perfeição em televisão. O jornalista não pode falar daquilo que não tem imagens, não tem como provar o que diz. A frase também se aplica à imagem de uma pessoa. O jornalista e principalmente o pivô, têm que ter uma boa imagem, algo que cativa que o vê. Se o espectador não vê algo que lhe seja agradável é meio caminho andado para descredibilizar o que está a ser dito, ou mudar de canal.

Sentes que ainda há muitos obstáculos no jornalismo para quem é mulher? Porquê?

Considero que não. Cabe a cada um procurar as suas próprias oportunidades. No caso da SIC, a direção é composta por homens, mas as chefias de informação são lideradas maioritariamente por mulheres.

Concordas que existe de facto uma feminização do jornalismo? Ao que achas que se deve esta transformação?

Existem de facto muitas mulheres, no jornalismo, mas não encontro uma justificação que possa explicar esta tendência.

Qual a tua opinião na importância do papel da mulher enquanto jornalista?

Não vejo diferenças entre o homem e a mulher jornalistas. Acho que esse é o primeiro passo para se evitar eventuais discriminações. Acho que ambos os géneros têm uma base fundamental e que deve ser por ela que se regem, a procura incessante da verdade.

### **Questões gerais: nome; idade; habilitações académicas; estágios**

Marlene Ferreira

22 anos

Licenciatura em ciências da comunicação e mestrado em jornalismo, ambos na Universidade da Beira Interior, na Covilhã.

A licenciatura conclui em 2012 e o mestrado termino este ano (2014).~

### **Questões específicas:**

Como foi a tua experiência durante o estágio?

No global foi uma boa experiência. O facto de lidar com pessoas que fazem do jornalismo televisivo o seu dia-a-dia é muito enriquecedor. É certo que a Universidade também tem um papel importante na nossa formação, no fornecimento de conteúdos e desenvolvimento da componente prática (no meu caso foi assim). No entanto é totalmente diferente estar inserida num meio de comunicação como é a sic e ter de perto profissionais que nos transmitem os seus ensinamentos. Apesar de não estarmos na redação com um contrato de trabalho, de certa forma estamos inseridos

no mercado de trabalho. Não estamos a ver as coisas de fora, mas sim por dentro, inseridos no meio profissional.

*Sentiste alguma diferença de tratamento por seres "novata"?*

Sim, claro que senti. Para além de ser uma novata, não era propriamente uma funcionária da empresa, mas sim uma estagiária. No entanto, em alguns sítios por onde passei, em particular pela editoria de desporto, senti que depositaram confiança em mim, para além de me terem prestado apoio em tudo o que foi necessário. Em todos os trabalhos que efetuei, os jornalistas desta editoria sempre me deram o seu feedback, apontando o que estava bem e o que precisava de ser melhorado.

*Tiveste algum problema de integração em algum ponto do/s teu/s estágio/s ?*

De integração, não diria. Mas sim, houve numa altura no estágio que senti mais dificuldade em mostrar o meu trabalho, uma vez que estava integrada numa outra editoria em que os estagiários tinham muito pouca margem de manobra. (Para além de editoria de desporto passei por outros departamentos da redação)

*Alguma vez te sentiste pouco à vontade ou alvo de estereótipo?*

Sim, mas isso de estereótipo, acho que todos nós estagiários sentimos um pouco.

*Em comparação com os teus colegas de estágio, homens, sentes que te deram as mesmas oportunidades?*

Tinha muito poucos colegas estagiários do sexo masculino, na realidade só um. Mas não senti isso. Senti que fomos tratados de igual forma.

*Tentaste em algum ponto do teu estágio propôr algo que acabou por te ser vedado?*

Propus algumas coisas, algumas delas foram realizadas outras não.

*O que achas da situação precária dos estagiários? O facto de não terem remuneração e trabalharem horas em excesso.*

Acho que é uma situação que dá jeito às empresas. Num atual momento de crise, mão-de-obra barata, neste caso gratuita é uma mais valia. Têm que lhes faça o trabalho, sem necessitarem de pagar . Em alguns casos atribuem aos estagiários funções que os funcionários não querem desempenhar.

*Qual a tua opinião em relação à crescente contratação de estagiários para as redações? Existem oportunidades de ficar a longo termo?*

As oportunidades são muito pequenas. No caso da SIC, durante o meu estágio só estavam a contratar pessoas, caso saísse alguém. E depois o facto, de terem durante todo o ano estagiários a chegar à redação, ainda mais diminui as hipóteses, uma vez, que tal como já referi é mão-de -obra gratuita.

Achas que ser mulher e estagiária é uma dupla batalha no mundo do jornalismo? Explica.

O facto de ser mulher e estagiária ao mesmo tempo pode gerar vários estereótipos por parte do resto da redação. Quando se trata de um caso, em que a estagiária pode ser bonita, esta pode ouvir comentários desagradáveis, como em só querer subir na carreira à conta do aspeto físico.

Qual é a tua opinião em relação às diferenças no papel que o pivô representa hoje e que representou há duas décadas atrás? Que evoluções achas que houve?

Houve algumas diferenças. Hoje em dia, o pivô já não aquele "personagem " estático que não sai do mesmo sítio e se limita a apresentar as notícias. Isso tem muito haver, por exemplo com o desenvolvimento da tecnologia. Vemos hoje em dia um pivô a apresentar outro tipo de notícias de pé, e em outros casos os telejornais, nem são exibidos a partir dos estúdios, de um estádio de futebol, por exemplo. O pivô tem também o papel de moderador, quando existem convidados em estúdio, por exemplo. Acho que existe também uma maior descontração dos pivôs, não têm sempre aquele ar sisudo.

Qual é a tua opinião em relação à influência que um pivô detêm atualmente? Explica

O pivô é a cara do telejornal. Em alguns casos as pessoas vêm determinado noticiário devido à afinidade que têm pelo canal, mas em outros casos é pela afinidade que têm pelo próprio pivô.

O que pensas em relação à crescente importância dada à imagem?

Que muitas vezes esta se sobrepõe às próprias aptências do jornalista. Sempre tive a ideia que ser pivô, era algo que só era adquirido por alguém que já tivesse uma vaste experiência. No entanto, o estágio efetuado na SIC, fez-me ver que não é bem assim, a imagem é realmente importante, fundamental.

Sentes que ainda há muitos obstáculos no jornalismo para quem é mulher? Porquê?

Não me parece que hajam muitos. se virmos no caso da sic, acho que maioria da redação é composta por mulheres.

Concordas que existe de facto uma feminização do jornalismo? Ao que achas que se deve esta transformação?

Sim, considero. Vai de encontro ao que respondi, na questão anterior. Talvez esta explicação se deva ao facto de os cursos relacionados com o jornalismo e comunicação serem frequentados maioritariamente por mulheres. Para além de que

ao contrário de há 20 anos atrás, a mulher têm um papel cada vez mais ativo na sociedade.

*Qual a tua opinião na importância do papel da mulher enquanto jornalista?*

Tanto sendo homem ou mulher o jornalista tem que ser isento e desempenhar as suas funções com humildade. A importância da mulher, nota-se é, por exemplo na ocupação de cargos de chefia. No caso da sic, é certo que nenhuma mulher ocupa cargos de direção e sub-direção de informação, mas outros cargos de extrema importância e responsabilidade estão atribuídos a mulheres. Em cinco editorias que a redação da SIC possui (Desporto, Economia, Política, Sociedade e Cultura), quatro são dirigidas por mulheres. No caso da editoria de desporto, que foi onde efetuei parte do meu estágio, era dirigida por duas mulheres, a editora e a coordenadora do Jornal de Desporto da SiC Notícias. Para além do Jornal de Desporto, também o Jornal da Noite e os telejornais de sábado são coordenados por mulheres.

## **Alguns dos trabalhos realizados no estágio:**

### **1. No on-line-**

<http://sicnoticias.sapo.pt/cultura/2013-12-05-escritores-brasileiros-vencem-o-premio-portugal-telecom-de-literatura-2013>

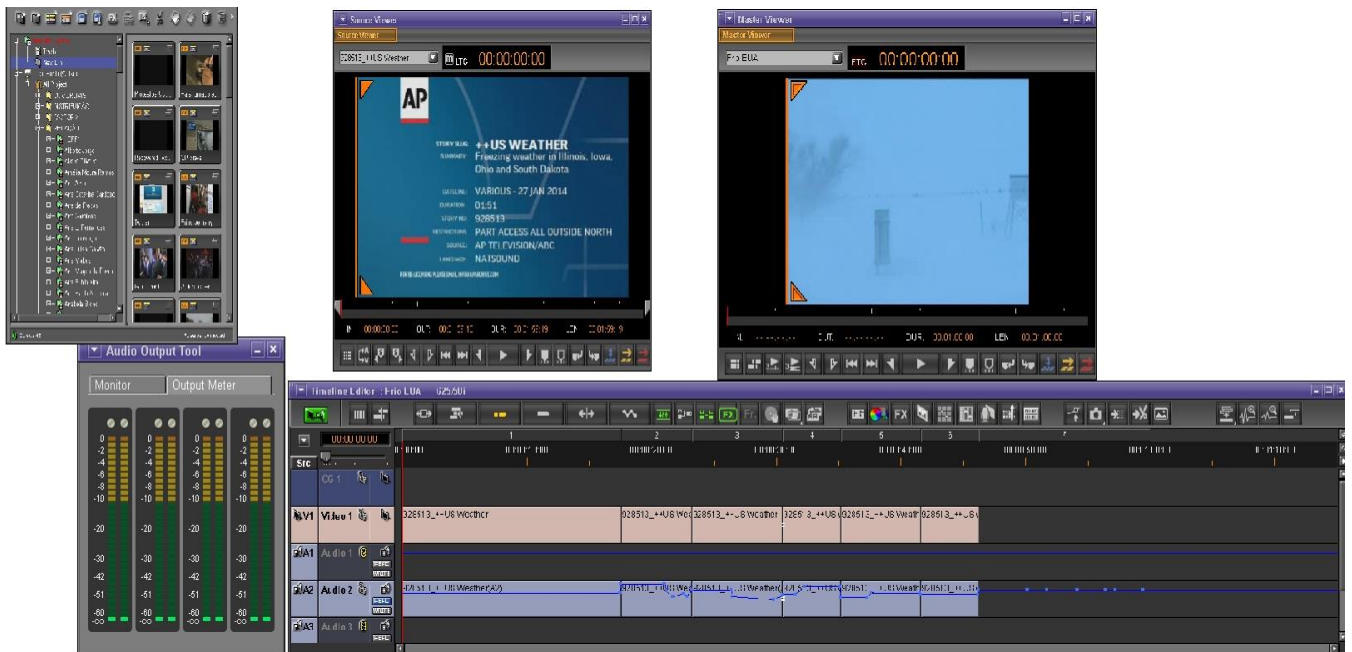
<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2013-12-03-epidemia-de-colera-em-angola-provoca-mais-tres-mortes-na-ultima-semana>

<http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2013-12-03-primeiro-caso-confirmado-de-nova-estirpe-da-gripe-das-aves>

### **1. Na edição do meio-dia: dois exemplos em vídeo no cd.**

## Os programas utilizados durante o estágio:

1.Xpri (edição de vídeo e programa com todos os vídeos utilizados, a serem utilizados e por utilizar pertencentes ao canal)



**2.ENPS (um programa para criar ou organizar o alinhamento, telexes, offs, entre outros. Também interliga o texto com o vídeo através de comandos html)**

The screenshot shows the ENPS interface with a calendar view for December 18-19, 2013. The main window displays a list of news items with their respective times. A sidebar on the right shows a list of news items with their respective times. A top bar displays the ENPS logo and a message: "RTV-FILE-PERU DRUGS BRITISH". A bottom bar contains search and navigation buttons.

The screenshot shows the "Target Program: Agenda" window. It features a calendar for Wednesday, December 17, 2013. Below the calendar, there are filters for "Location" (Work in progress, Archives) and "Item Type" (All, Rundowns, Marcações, Newsgathering Items). A "View selection" button is also present.



### 3. Microsoft Outlook (o e-mail com acesso a todos os elementos da redacção, e na agenda é por onde se recebe os comunicados)

